



EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS EM AGROECOLOGIA: A REDE AGROECOLÓGICA DE CAMPONÊS A CAMPONÊS JABÓ/SANTANA – MG¹

Clara Lua Silva Medeiros ²
Bernardo Machado Gontijo ³

RESUMO

Neste artigo apresentaremos a Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana, existente desde o ano de 2023 na Região da Serra do Cipó- MG, nos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho. Esta Rede tem como pilar os diversos instrumentos da educação popular e adota a Metodologia Camponês a Camponês na orientação de suas atividades. O Camponês a Camponês é um processo social desenvolvido a partir de 1972 por camponeses indígenas na Guatemala e se expandiu para diversos países da América Latina através da Via Campesina. Nesta concepção metodológica o agricultor familiar é o protagonista dos processos e tem papel fundamental na promoção da qualidade de vida. Nas discussões, apresentamos as atividades desenvolvidas pela Rede ao longo dos anos de 2023 e 2024 e discutimos os desafios e perspectivas para a construção de sistemas alimentares sustentáveis. O fortalecimento da agricultura familiar e das dinâmicas produtivas agroecológicas são fundamentais na construção de segurança alimentar tanto para populações do campo, quanto para populações das cidades. A agroecologia é uma matriz integradora de saberes distintos, que une conhecimentos de povos e comunidades tradicionais, agricultores familiares, pesquisadores e demais indivíduos na busca por justiça social. O trabalho realizado contribui para o crescimento da dimensão educativa por parte de famílias agricultoras e para o aumento da aplicação de técnicas agroecológicas das famílias participantes.

Palavras-chave: Agricultura familiar, agroecologia, segurança alimentar, camponês a camponês.

ABSTRACT

This article introduces the Jabó-Santana *Campesino a Campesino* (CaC) Agroecological Network, established in 2023 in Brazil's Serra do Cipó region, in the municipalities of Jaboticatubas and Santana do Riacho. Grounded in instruments of popular education and guided by the CaC social-process methodology, the Network positions family farmers as protagonists in processes that promote quality of life. Originating in 1972 among Indigenous peasant communities in Guatemala, CaC spread across Latin America through *La Vía Campesina*. We present the Network's activities during 2023–2024 and examine the challenges and prospects for building sustainable food systems. Strengthening family farming and agroecological production dynamics is essential to advancing food security for both rural and urban populations. Agroecology operates as an integrative matrix of knowledge that connects Indigenous and traditional communities, family farmers, researchers, and allied social actors in the pursuit of social justice. The initiative contributes to the educational development of participating families and expands the adoption of agroecological practices across the Network.

Keywords: Family farming; Agroecology; Food security; *Campesino a Campesino*.

¹ O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IGC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e conta com o apoio da CAPES para a sua realização.

² Geógrafa, professora de geografia e mestranda em geografia pelo IGC/UFMG, luaclara.medeiros@gmail.com;

³ Professor do Programa de Pós Graduação em geografia no IGC/UFMG, gontijob9@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A Revolução Agrícola, iniciada na Inglaterra e na França a partir do século XVIII, trouxe um conjunto de mudanças nas dinâmicas produtivas. Pode-se dizer que, a partir dela, o sistema agroalimentar começa a se modificar por se tratar do amadurecimento do sistema capitalista. A Revolução Industrial embasa o desenvolvimento das tecnologias, da organização da produção e das formas de logística e comercialização. Ela cria sistemas eficientes e lucrativos de processamento, armazenamento e distribuição de produtos.

A partir da Revolução Verde (meados do século XX), ocorre um aprimoramento da ciência e das técnicas, o que possibilita grandes investimentos de capital na criação de sistemas eficientes e extremamente lucrativos no processamento e armazenamento de alimentos. A engenharia genética, o patenteamento de seres vivos, a criação animal em larga escala, o uso de transgênicos, a nanotecnologia, dentre outras práticas, são marcas desta recente fase. A adoção dessas práticas, algumas décadas depois, traz uma série de consequências para o ambiente, seja através de efeitos na saúde humana: como o crescimento de doenças cardíacas, aumento do número de pessoas com rinite e alergia, dentre outros; seja com efeitos na saúde ambiental: o desmatamento e a perda de ecossistemas/biodiversidade, contaminação do solo e da água e a degradação ambiental.

Assim, ocorre uma tendência para o crescimento de um sistema industrial global de alimentação, que favorece processos industrializados, uniformizados e padronizados. Trata-se da globalização da produção agrícola e alimentar, na qual há um total e absoluto distanciamento da natureza nas formas de produção do sistema agroalimentar moderno. Além disso, todas essas modificações geram desigualdades, pois o dinamismo das atividades produtivas reduz a necessidade da força de trabalho, ocasionando o desemprego no espaço do campo. Também é produzida uma crise ambiental, pois as áreas de monocultura extensiva causam um desgaste extremo dos recursos naturais uma vez que são extremamente dependentes de fertilizantes e produtos químicos como agrotóxicos e outros; além de consumirem quantidades altamente volumosas de água.

Aqui no Brasil, a partir dos anos de 1970, com a política de ‘modernização da agricultura’, promovida pelo regime militar, ocorre um *boom* das exportações de *commodities* agrícolas e agroindustriais, e, posteriormente a isso, ocorre a adoção da expressão agronegócio. De acordo com Heredia, Palmeira e Leite (2010) o agronegócio pode ser percebido como o gerenciamento de um negócio que envolve muito mais que uma planta industrial ou um conjunto de atividades agrícolas. Trata-se de grandes empreendimentos do



capital agroindustrial apoiados em grandes propriedades fundiárias, voltados à exportação, e com atuação em nível global. A partir deste período, há a adoção de um discurso da importância do crescimento econômico e industrial, do posicionamento do Brasil nas relações econômicas internacionais e do afastamento de modos de vida tradicionais, que eram vistas como atrasadas ou desatualizadas frente ao agronegócio. Tudo isso, quando somado à realidade de distribuição desigual de terras, característica marcante da história brasileira, faz aumentar cada vez mais a concentração de riquezas. A injustiça social no Brasil se manifesta de diversas formas - através da precarização do trabalho e do trabalhador, através do racismo estrutural, através da injustiça de gênero, dentre outros.

[...] A estrutura fundiária brasileira é particular e desafiadora: menos de 1% das propriedades concentram 47% das terras agrícolas, enquanto 50% das propriedades possuem menos de dez hectares e ocupam 2% das terras agrícolas do país, fazendo do latifúndio, da minifundiarização e da falta de acesso à terra faces multidimensionais do problema da concentração fundiária no Brasil. Esse quadro não se alterou substancialmente entre 1985 e 2017. (Silva, 2025, p. 12).

O avanço do agronegócio, marcado pela intensificação tecnológica, pela expansão de monocultivos e pela crescente concentração fundiária, tem provocado profundas transformações nos sistemas alimentares contemporâneos. Embora o agronegócio seja frequentemente apresentado como motor de desenvolvimento econômico e de aumento da produtividade agrícola, esse modelo hegemônico tem um gasto excessivo de energia; utiliza de forma intensa agrotóxicos e antibióticos; compromete a biodiversidade; contribui para as mudanças climáticas regionais; e se ampara em relações de trabalho injustas e precarizadas. Como consequência, observamos também o aumento da insegurança alimentar. Segundo Costa *et al.* (2022) a insegurança alimentar refere-se à incapacidade do acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, e em quantidade suficiente, sem a iminência de alguma restrição no futuro próximo.

A agricultura familiar, como afirma Silva (1978), têm presença marcante no trabalho familiar, tem um importante papel de preservação do patrimônio natural e cultural, preocupa-se com a qualidade dos alimentos e assume parte do seu próprio abastecimento. Um dos efeitos mais significativos de alterações nas dinâmicas produtivas da AF é a redução do cultivo de alimentos tradicionais. Espécies nativas ou adaptadas historicamente às condições locais, muitas vezes cultivadas por comunidades camponesas, indígenas e quilombolas, vêm sendo substituídas por *commodities* agrícolas voltadas ao mercado global, como soja, milho e cana-de-açúcar. Essa substituição impacta diretamente a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), uma vez que restringe o acesso a uma alimentação variada, culturalmente adequada e nutricionalmente equilibrada. Costa *et al.* (2022) compreende a SAN como direito de todos ao



acesso regular e permanente de alimentos; a práticas alimentares promotoras de saúde e respeito à diversidade cultural.

A insegurança alimentar e nutricional não se expressa apenas como escassez de alimentos, mas também como limitação do direito humano à alimentação adequada, uma vez que o modelo do agronegócio prioriza o abastecimento de cadeias globais em detrimento da produção local, o que reforça desigualdades sociais e fragiliza a autonomia das comunidades camponesas. Desta forma, repensar o padrão técnico de produção de alimentos para garantir a SAN é fundamental.

Em contraposição a esse modelo hegemônico de produção, surge o movimento agroecológico que, de acordo com Altieri (2004), visa o uso de práticas agrícolas e sociais voltadas para maximizar os benefícios para os agricultores familiares e a sociedade como um todo e com mínimos impactos ambientais. A agroecologia é uma matriz disciplinar integradora de saberes. Trata-se de um conjunto de inovações tecnológicas e da integração de saberes distintos, com contribuições vindas da ecologia política, agronomia, biologia, geografia, educação, história, antropologia, sociologia, dentre outros. Segundo a EMBRAPA (2006), a agroecologia oferece as bases para a modificação dos sistemas de produção que causam degradação social e ecológica, por meio do desenho ou redesenho de sistemas, no âmbito do conceito da sustentabilidade. Ela corresponde ao desafio de construir estratégias que permitam que os seres humanos possam interagir com a natureza de uma forma harmônica e sem grandes prejuízos para as partes envolvidas. Ela dialoga com conceitos como a interdisciplinaridade, participação, sustentabilidade, bem viver e equidade.

Essa contraposição ao agronegócio, busca valorizar a soberania alimentar, a biodiversidade e o protagonismo dos agricultores familiares. Assim, trazemos a luz o pensamento de Primavesi (2021) que concebe o solo como um sistema dinâmico, vivo e complexo, e defende uma agricultura baseada no respeito aos processos ecológicos, ao romper com a visão mecanicista da agronomia convencional, que trata o solo apenas como suporte físico para a produção. Nesse sentido:

[...] O solo é nossa base vital e de toda a vida em nosso globo. Sem ele não existiria *natureza*, nem meio ambiente. Ele influi em tudo: no caudal dos rios, que secam quando o solo perde sua macroporosidade superficial; nos oceanos, que devem receber dos solos sua matéria orgânica para a vida do plâncton, que, além de nutrir peixes pequenos, é o maior fornecedor de oxigênio do nosso planeta - oxigênio que também vai formar a camada de ozônio, permitindo, assim, a vida nos ambientes terrestres. (Primavesi, 2021, p. 36)

A Associação Amanu - Educação, Ecologia e Solidariedade (Amanu), por sua vez, é uma organização civil sem fins lucrativos que promove a agroecologia. Ela foi inicialmente



estabelecida em 2007 na cidade de Belo Horizonte- MG e posteriormente transferida para Jaboticatubas-MG em 2009. É composta por agricultores familiares, artesãos, técnicos, professores, produtores artesanais, além de povos e comunidades tradicionais. Atualmente, conta com voluntários, colaboradores e associados provenientes de quatro municípios (Belo Horizonte, Santa Luzia, Jaboticatubas e Santana do Riacho) e em 14 comunidades rurais de Jaboticatubas, em Minas Gerais.

A Amanu organiza os agricultores e agricultoras familiares e sua atuação ajuda a conservar a natureza e a preservar manifestações socioculturais. Como destacado em seu relatório anual de atividades:

[...] Acreditamos no potencial do município para o desenvolvimento sustentável com base em um campo com uma agricultura familiar forte, diversificada, agroecológica, extrativista que gera renda sem degradar a natureza e preservando a cultura da região, sempre em diálogo com a cidade. (Velasco, 2016, p. 4).

Dentre as ações promovidas pela Amanu, destacamos algumas como: 1) a Raízes do Campo- a feira agroecológica de Jabó, que desde 2013 ocupa a Praça Central da cidade a cada dois sábados do mês oferecendo aos consumidores alimentos livres de agrotóxicos e proporcionando um ambiente de trocas de sementes, mudas e conhecimentos e saberes tradicionais. 2) o Armazém Raízes do Campo, que tem sua sede no Bairro Sagrada Família, em Jaboticatubas e organiza a logística de entregas semanais dos alimentos, nas cidades de Jaboticatubas, Santa Luzia e Belo Horizonte, através de Grupos de Compras (GC's). 3) a Casa Comunitária do Coco Macaúba, localizada na Comunidade do Capão do Berto, zona rural de Jaboticatubas, que propõe o uso sustentável do coco macaúba, uma palmeira típica do Cerrado e propõe a geração de renda com o Cerrado em pé. 4) a Metodologia Camponês a Camponês (MCaC), que desde meados de 2023 implementa metodologias de socialização horizontal do conhecimento e de técnicas agroecológicas e tem o objetivo de expandir a agroecologia territorialmente, através da solução dos problemas vividos pelos agricultores e agricultoras familiares com trocas de experiências e conhecimentos.

A Amanu realiza encontros trimestrais com o intuito de socializar as questões que envolvem a associação e tomar decisões e acordos coletivos. Num destes encontros, a MCaC foi apresentada ao grupo e os participantes se organizaram em 5 facilitadores e 11 promotores; estes, com suas unidades familiares de produção agroecológica localizadas nos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho, na região da Serra do Cipó em Minas Gerais. A execução da MCaC se dá através da Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana que é



um projeto organizado em módulos, com encontros presenciais mensais entre promotores e facilitadores em diversas comunidades rurais de Jaboticatubas e Santana do Riacho para trocas de experiências.

Jaboticatubas e Santana do Riacho, assim como alguns municípios vizinhos, fazem parte da região da Serra do Cipó, tal como identificado por Braga (2011). Está situada na porção média da Cordilheira do Espinhaço e trata-se de um divisor físico das Bacias Hidrográficas do Rio Doce e do Rio São Francisco. A leste predomina a Mata Atlântica, a oeste o Cerrado, e nas áreas de maior altitude, os campos rupestres. É uma região marcada pela alta diversidade biológica, tendo nos seus campos rupestres uma grande quantidade de espécies endêmicas, distribuídas apenas em trechos da Cordilheira do Espinhaço.

Esta porção do território brasileiro também é rica no que diz respeito à diversidade sociocultural, pois foram nesses ambientes que as comunidades indígenas, rurais e quilombolas da Serra do Cipó construíram suas histórias e desenvolveram suas práticas culturais cotidianas. Os múltiplos usos de uma paisagem tão heterogênea são características marcantes dessas comunidades que, em séculos de convivência com os ecossistemas locais, construíram complexos saberes sobre o manejo das espécies e paisagens, garantindo por gerações a perpetuação de seus modos de vida e ambientes. O cultivo de alimentos configurou-se como uma parte importante do processo de geração de renda das famílias e também um modo de interação solidária desses indivíduos em comunidade.

Os municípios Jaboticatubas e Santana do Riacho são ligados através da rodovia MG 10 e divididos fisicamente pelo Rio Cipó. Apesar de terem uma forte ligação, ainda carecem de políticas públicas e planejamento interligado. Segundo o IBGE (Censo Demográfico de 2022), Santana do Riacho abriga uma população de 5.513 pessoas e tem comunidades rurais fortemente associadas ao perfil da agricultura familiar, além de possuir distritos com perfil vocacional relacionado à atividades ecoturísticas, a exemplo dos distritos da Serra do Cipó e Lapinha da Serra, que possuem uma malha hoteleira e de hospedagens variadas que se destaca em relação aos municípios do entorno. Jaboticatubas, carinhosamente conhecida por seus moradores e visitantes como Jabó, por sua vez, está inserida na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e segundo o IBGE (Censo Demográfico de 2022) abriga uma população de 20.406 pessoas. Trata-se do município com a maior extensão territorial de toda a RMBH e tem boa parte de seu território enquadrado como área protegida por possuir áreas significativas na Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira e no Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Cipó).

O processo de urbanização recente em Jaboticatubas tem afetado as áreas rurais com a



expansão de loteamentos e condomínios horizontais, que altera as lógicas de vida e os modos de uso e ocupação dessas áreas. Os loteamentos muitas vezes surgem sem planejamento adequado, ocupam áreas de preservação permanente (APPs), suprimem espécies nativas e podem causar impermeabilização do solo, erosão e assoreamento de rios. Alguns loteamentos não têm saneamento básico, ou coleta de lixo, e são lançados sem infraestrutura. A especulação imobiliária e a expansão dos loteamentos e condomínios horizontais têm trazido modificações ao perfil socioeconômico do município - um turismo que dificilmente pode ser chamado de sustentável tem se intensificado em toda a região e trazido modificações nos modos de viver de muitas destas comunidades rurais.

Neste trabalho falaremos sobre Metodologia Camponês a Camponês (MCaC) e apresentaremos algumas experiências da Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana, implementada em comunidades rurais de Jaboticatubas e Santana do Riacho em 2023 pela Amanu, com o financiamento da Rede Saúva Jataí⁴. A MCaC é um processo social desenvolvido a partir de 1972 por camponeses indígenas na Guatemala e se expandiu para o México, Honduras, Nicarágua, Cuba, Brasil e outros países da América Latina; ela tem um papel fundamental na promoção da saúde e qualidade de vida para a população do campo. Em Cuba se apresenta a experiência mais exitosa onde, segundo Rosset (2019), num período de 15 anos, metade dos camponeses do país se tornaram agroecológicos e conseguiram aumentar significativamente as suas taxas de produtividade. Além da MCaC, é fundamental para nós destacar a importância da Via Campesina, que é um movimento social transnacional que constrói projetos políticos mais justos e inclusivos para toda a sociedade. A Via Campesina está presente em dezenas de países do mundo e é composta por associações de camponeses, agricultores familiares e trabalhadores rurais sem terra. Barbosa e Rosset (2017) afirmam que na Via Campesina, em suas muitas escolas camponesas, observa-se uma práxis agroecológica ou de transição agroecológica articulada por uma Pedagogia Camponesa Agroecológica.

A MCaC surge como uma reação ao modelo convencional de assistência técnica, no qual historicamente as famílias agricultoras assumem um papel passivo frente aos técnicos ligados às atividades agropecuárias. Na MCaC, um agricultor familiar que vivencia algum problema produtivo articula-se em rede e tem a oportunidade de visitar propriedades de outros agricultores que implementaram alguma solução para esse problema de forma agroecológica e obtiveram êxito. Desta forma, visitas, intercâmbios e oficinas são promovidas, nas quais as famílias anfitriãs são as responsáveis pela transmissão do conhecimento. Nesta metodologia,

⁴ A Saúva-Jataí é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2019, com sede no Rio de Janeiro (RJ), e presente em nove estados brasileiros. Sua missão é colaborar para o fortalecimento sustentável de iniciativas, também sem fins lucrativos.



um pressuposto básico e fundamental é a promoção do diálogo entre os camponeses, aqui chamados de promotores e entre os técnicos, aqui chamados de facilitadores. Os promotores são mestres camponeses que aplicam variadas técnicas agroecológicas em suas propriedades, entendidas por nós como uma espécie de sala de aula. Os facilitadores são pessoas que trabalham em nível local, acompanhando o trabalho dos promotores, preparando oficinas, promovendo a integração entre agricultores familiares com instituições parceiras, chamadas aqui de rede de apoio e acompanhando o trabalho dos promotores no processo de transição agroecológica. Rosset (2019) afirma que o fundamento epistêmico dessa perspectiva dialoga com a tradição do pensamento pedagógico latino-americano, inspirador de concepções de educação, de pedagogia, de sujeitos educativos e de projeto educativo para um porvir revolucionário.

No Brasil, a MCaC ainda é pouco conhecida e experimentada. Na região da Serra do Cipó-MG, ela teve início em meados de 2023 em uma reunião entre as associadas e associados da Amanu, quando foram definidos de forma espontânea os facilitadores e os promotores. Posteriormente, iniciou-se a revisão bibliográfica e leitura de textos disponíveis sobre a MCaC para então ocorrerem reuniões entre os participantes. O projeto é organizado em módulos, com encontros presenciais mensais entre promotores e facilitadores para trocas de experiências. Também acontecem parcerias entre instituições, que são chamadas de rede de apoio, no intuito de articular ações que ajudem na resolução dos problemas previamente identificados. Intercâmbios com outros grupos que promovem agroecologia em MG também estão entre as ações do projeto, bem como campos experimentais entre facilitadores e promotores. Defendemos que o tema trabalhado aqui é extremamente relevante socialmente, politicamente e culturalmente pois,

[...] a agroecologia integra e articula conhecimentos de diferentes ciências, assim como o saber popular, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura industrial, como o desenho de novas estratégias para o desenvolvimento rural e de estilos de agriculturas sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística. (Caporal, Costabeber, Paulus, 2006, p. 5).

Ao percebermos os efeitos do agronegócio na redução da oferta de alimentos tradicionais, sobre a influência deste num crescente contexto de insegurança alimentar e nutricional, refletiremos em que medida a MCaC pode contribuir para o fortalecimento de uma alimentação adequada e saudável. Também apresentaremos neste artigo algumas ferramentas metodológicas usadas na educação popular, e sistematizaremos o conjunto de técnicas agroecológicas adotadas pelos promotores da Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana. A nossa hipótese é de que aconteceram algumas mudanças na



dinâmica produtiva de agricultores e agricultoras participantes após participação na Rede. Além disso, também acreditamos que houve um crescimento da dimensão educativa por parte dos promotores e estes passaram a se reconhecer como educadores no processo de transição agroecológica.

METODOLOGIA

Nós acompanhamos o trabalho da Associação Amanu, entre julho de 2023 e novembro de 2024, participando dos encontros trimestrais e encontros coletivos entre promotores e facilitadores da Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana. Trabalhos de campo foram realizados nos encontros mensais de formação da rede e nos intercâmbios entre esse e outros grupos agroecológicos de MG. Cadernetas de campo foram usadas para anotações e registros de processos através do método da observação participante que é a metodologia de condução da pesquisa. De acordo com Brandão e Borges (2008) ela tem origem nas unidades de ação social, é concebida como um método de ação científica e trata-se de um trabalho de dimensão pedagógica e política, pois há uma compreensão totalizante da realidade social e objetiva em formar pessoas para transformar cenários.

No diagnóstico das contribuições da MCaC para as dinâmicas produtivas dos promotores participantes, percebemos que a Rede envolve fatores socioeconômicos, culturais e ambientais nos quais estes indivíduos se reconhecem, pois há respeito por suas práticas, saberes e histórias de vida. Metodologias ativas tendem ao êxito já que ocorre uma horizontalidade entre os pesquisadores e os pesquisados. Freire (2018) afirma que quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender; ou seja, o respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista e nunca pode ser desprezado. Dentre as ferramentas participativas adotadas estão a observação participante, algumas técnicas de dinâmicas de grupo, as representações gráficas visuais de fácil entendimento construídas de forma participativa, dentre outras. Nessa perspectiva, a pesquisa é entendida como uma parceria, interação e compartilhamento de conhecimento e experiências. E, de acordo com Brandão (2008), cria-se assim um terceiro conhecimento, novo e transformador. As ferramentas participativas, dentre outras características, valorizam o conhecimento das comunidades envolvidas no estudo e possibilitam o trabalho direto no campo com estes grupos, uma vez que o processo prevê a aprendizagem com enfoque para conhecimento, práticas e experiências locais.



Como autores inspiradores de nossas análises e discussões, nos referimos principalmente em três grandes referências, tanto em estudos em agroecologia no Brasil e América Latina, como em pedagogia ativa e participante, a saber, Ana Primavesi (2021), Miguel Altieri (2004) e Paulo Freire (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2023, primeiro ano de existência da Rede, foram aplicados Diagnósticos Rurais Participativos (DRP's)⁵ nas unidades familiares dos promotores, ocorreram reuniões entre facilitadores, encontros entre promotores e facilitadores com variadas temáticas e práticas, atividades educativas com grupos escolares, além da adesão da rede ao Programa de Apoio à Formação de Educadores (PAFE⁶). O ano de 2024 marca a consolidação da Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó- Santana. Isto porque com o ingresso no PAFE, um financiamento de recursos pela continuidade do projeto é garantido pela Rede Saúva Jataí. Em contrapartida ao apoio, cada participante deve realizar ações socioeducativas, além de integrar Mesas de Trocas mensais. Esse programa teve como propósito trabalhar, ao longo do ano, o tema do Antiracismo na educação, sendo todas as experiências compartilhadas com os demais grupos e indivíduos nas Mesas realizadas em formato *online*. As atividades em 2024 iniciam-se com uma reunião entre os facilitadores para avaliação do trabalho do ano anterior, planejamento das visitas e acompanhamento do trabalho junto aos promotores. Os encontros entre promotores e facilitadores promoveram aprendizados e debates coletivos sobre temas como planejamento produtivo das propriedades, produção animal, agrofloresta, diversificação da produção com cultivo consorciado, roçados/horticultura, produção de sementes e mudas, pragas e doenças, adubação verde, preparação do solo com biofertilizantes, maquinário coletivo, irrigação, cultivo protegido, dentre outros. Foram realizados, também, mutirões de plantios coletivos e preparo de fungicidas ecológicos e aplicação de técnicas de recuperação e conservação dos solos. Também foram feitas conversas de aproximação com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER), valendo destacar aqui o bom diálogo entre os técnicos e os agricultores familiares.

⁵ O DRP tem o objetivo de elencar os principais problemas enfrentados pelas famílias envolvidas no processo, estabelecer as prioridades e identificar quais são as melhorias desejadas por elas.

⁶ O PAFE apoia formações científicas, práticas e coletivas para quem atua na área da educação formal, não-formal ou informal.



Em 2024 aconteceram quatro Formações Agroecológicas promovidas pelo PAFE, isto é, encontros nos quais convidados que são referência em determinado tema identificado pelos promotores como prioritários, socializam suas experiências e práticas adotadas. Nessas formações foram abordados temas como cultivo agroflorestal; cobertura do solo e os processos de decomposição; sazonalidade, planejamento e escalonamento da produção; a importância dos registros e do cálculo para a precificação dos produtos; biofertilizantes e microrganismos eficientes.

Numa dessas formações, os envolvidos construíram de forma coletiva o quadro a seguir (quadro 1), que pôde ser utilizado por todos no planejamento dos seus próprios sistemas agroflorestais.

Quadro 1: Exemplo de planejamento produtivo agroflorestal

Estratos	Ciclo: 0 a 1 ano	Ciclo: 1 a 5 anos	Ciclo: 5 anos ou mais
Emergente	milho, quiabo, sorgo	pindaíba, mutamba, mamão, eucalipto, cana, embaúba	coco, eucalipto, bolsa de pastor
Alto	mandioca, jiló, brócolis	maracujá, banana, uva	acerola, pitaya, pêssego, caqui, graviola, jaca, manga, lichia, tamarindo, ipês, maçã
Médio	morango, pimentão, feijão, chuchu	pimenta, urucum, ora pro nobis, figo	jabuticaba, limão, araticum, goiaba, carambola
Baixo	batata doce, inhame, cúrcuma, espinafre	taioba, abacaxi	baunilha, café, cacau

Fonte: Elaboração própria (2025).

Também aconteceram três atividades educativas de contrapartida do PAFE, que tiveram como público alvo estudantes de educação básica do ensino fundamental e ensino médio de duas escolas estaduais e uma escola particular. As atividades foram organizadas em formato de rodas de conversa e abordaram a importância da agricultura familiar e da transição agroecológica para o ambiente e para a sociedade como um todo, além da importância da valorização dos saberes e práticas tradicionais. Propôs-se, também, a reflexão sobre as plantas de origem africana que são utilizadas na medicina ancestral e em rituais de matriz africana de uso comum na cultura brasileira, a exemplo da Babosa, Boldo, Alfavaca, Espada de São Jorge, dentre outras. Além disso, em duas das três atividades, os estudantes foram divididos em grupos e fizeram a construção coletiva de canteiros com plantios consorciados.



As Mesas de Trocas do PAFE são encontros *online*, em que todas as pessoas e iniciativas apoiadas pela Rede Saúva Jataí compartilham com os demais as experiências ocorridas em seus territórios. A Rede Agroecológica de Camponês a Camponês Jabó-Santana integrou onze mesas de trocas ao longo de 2024. Essas mesas são um momento fundamental para realizar um apoio na formação e capacitação para pessoas que atuam na educação formal (em instituições de ensino), ou na educação não-formal (ONGs, projetos, etc), ou até mesmo na educação informal (que praticam atividades formativas em espaços públicos, bairros, comunidades). Os participantes da Rede se revezaram e montaram uma escala de participação nas mesas, sendo acordado entre as partes a importância de ter sempre um facilitador e pelo menos dois promotores nas reuniões.

Inúmeras visitas técnicas foram realizadas ao longo do ano. Elas são um momento quando o técnico responsável pela chegada do projeto neste território tem a possibilidade de acompanhar a produção na UF de algum promotor. O transecto é feito junto ao facilitador que acompanha a família e, neste momento, ocorrem trocas de experiências, impressões gerais e apontamentos para o futuro. Depois da visita técnica, o técnico se reúne com o facilitador e planeja as próximas ações a serem tomadas. Os facilitadores continuam as visitas mensais, que são um importante elo entre facilitadores e promotores. Cada facilitador acompanha o processo produtivo nas UF's dos promotores e é responsável pelo constante diálogo entre essa família e a rede de apoio do projeto. Os facilitadores, por estarem mais próximos territorialmente aos promotores, conseguem reconhecer avanços, identificar problemas, reconhecer necessidades de recursos e também avaliam as potencialidades do trabalho desenvolvido junto à esses promotores. A figura a seguir, demonstra esse acompanhamento feito em uma das UF's que o projeto acompanha.



Figura 1: Visitas mensais de acompanhamento de uma área de produção

Os facilitadores também fazem reuniões entre si para compartilhamento das experiências em campo, sendo estas também um importante espaço de formação técnica e capacitação. Algumas reuniões discutiram a temática da adubação verde, técnica de manejo agroecológico que objetiva aumentar a fertilidade do solo. Outras reuniões serviram para o planejamento das ações educativas de contrapartida do PAFE. E em todas elas, ocorre uma espécie de discussão sobre as experimentações, além de fazerem uma espécie de balanço das atividades realizadas. Na reunião de avaliação das atividades realizadas ao longo do ano de 2024, foi destacado o crescimento do empoderamento das mulheres promotoras ao longo da participação no projeto. Estas, que muitas vezes são vistas como coadjuvantes nas dinâmicas produtivas, a partir do ingresso no projeto, passaram a se colocar com mais autonomia nas suas respectivas UF's de produção, como destacado por uma facilitadora. Além disso, a maior parte dos promotores constatou que manter o solo coberto é o melhor começo para adoção de



técnicas agroecológicas. De acordo com Corrêa Neto *et al.* (2016) esta práxis é um contínuo aprendizado com a natureza.

[...] A sabedoria manifesta na natureza é infinita e as formas que ela adota são sempre muito importantes. Os animais fazem ninhos para proteger seus filhotes. Eles nos ensinam que a forma que moldamos a matéria orgânica ao aplicá-la nos canteiros é importante. O ideal é colocar a matéria orgânica sempre mais alta nas margens dos canteiros do que no seu centro, tornando os canteiros ninhos adequados à criação das jovens mudas. (Corrêa Neto *et al.* 2016).

Os intercâmbios de experiências entre os promotores da rede e outros agricultores agroecológicos são momentos importantes e têm como foco a socialização de experiências de produção de mudas, de produção de horta em consórcio com agrofloresta, além de abordar a questão da certificação de produtos orgânicos. Essas experiências reforçaram ainda mais o caráter educativo da Rede, além de oferecer elementos para que os promotores pudessem projetar o planejamento dos próximos ciclos de plantio, baseados nessas e outras experiências. Esses momentos são fundamentais para fortalecer os conhecimentos, melhorar as práticas agroecológicas e promover inovações ao compartilhar técnicas, desafios e possíveis soluções. De acordo com Rosset (2019), os intercâmbios são importantes pois fazem parte do processo de motivação e socialização do conhecimento, bem como do compromisso com a aplicação do que foi conhecido em outros lotes. O quadro a seguir (quadro 2) é resultado de uma sistematização das técnicas adotadas pelos promotores participantes da Rede e foi elaborado a partir das experiências de trabalhos de campo de acompanhamento das atividades.

Quadro 2: Técnicas agroecológicas adotadas pelos promotores

Técnica	Aplicação
Cobertura de solo	Aplica-se uma camada de madeira, seguida de camada de galhos menores, folhas e cobertura morta, com aproximadamente 30 cm de altura. A matéria vegetal depositada naturalmente ou deixada após a colheita aumenta o teor de matéria orgânica, melhora a estrutura do solo, favorece a infiltração da água e reduz processos erosivos.
Adubação verde	Mix de sementes de leguminosas e outras espécies para ciclagem de nutrientes (girassol, mucuna, feijão de porco, milheto, crotalária).
Compostagem	Transformação de resíduos orgânicos, como restos de alimentos, folhas, esterco e palhada, em um composto rico em nutrientes, utilizado como adubo natural.
Combate de pragas por métodos não agressivos à natureza	Usam-se técnicas variadas: calda bordalesa; plantio de plantas companheiras ou repelentes; calda de detergente neutro com óleo vegetal e vinagre.



Ausência de fogo	Em vez de queimar a palhada, troncos e folhas, os resíduos vegetais são incorporados ao solo ou deixados na superfície como cobertura, funcionando como adubo verde e proteção do solo.
Plantio consorciado	A diversificação de culturas parte do entendimento que uma planta beneficia a outra. Planta-se primeiro a cultura mais exigente em solo e adubo. Depois, usa-se uma cultura aproveitadora e por último uma recuperadora. A sucessão é fundamental para melhorar a fertilidade do solo.
Rotação de culturas	Alternar diferentes espécies cultivadas em uma mesma área ao longo de ciclos ou safras.

Fonte: Elaboração própria (2025).

O projeto tem sido exitoso, com famílias participantes cada vez mais engajadas nas atividades. Também observamos que devido aos encontros mensais, o entrosamento é cada vez maior entre os participantes. Segue alguns breves relatos de promotores sobre a participação na rede:

Os encontros são sempre muito bons. Além da socialização, a interação com o grupo, temos uma interação maior de amor com o próprio solo, com as sementes dos alimentos que nos mostram resultados positivos, respostas rápidas do carinho dado à terra - Agricultor 1.

Com a troca de experiências nos encontros do Camponês à Camponesa desde o ano passado até esse ano eu notei um crescimento da boa vontade das pessoas de lidar com a terra. As pessoas tão crescendo na mente que a terra precisa de ter um retorno nosso de benefício mesmo com a terra - Agricultora 2.

A educação popular e a pesquisa participante contribuem para atingir os objetivos pois há uma participação ativa dos atores sociais envolvidos na pesquisa por se tratar de um conjunto de métodos ativos em educação. Essas práticas se destacam principalmente pela defesa da educação como prática da liberdade, à transformação social e à superação das desigualdades. A perspectiva da educação popular defende que a educação deve ser voltada para a conscientização, para a compreensão da realidade e pela capacidade de agir individual e coletivamente sobre ela. O diálogo é central em sua proposta, não como simples técnica, mas como uma postura ética, que reconhece os educandos como sujeitos de saber.

Apontamos aqui, como resultados preliminares: 1. o fortalecimento de um grupo coletivo com objetivo comum de territorializar a agroecologia cada vez mais nos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho; 2. a intensificação do caráter educativo da Rede, com realização de oficinas diversas entre estes e grupos escolares, além das famílias agricultoras vizinhas; 3. o aumento da autoestima dos agricultores familiares envolvidos, uma vez que os



bens culturais, modos de vida, saberes e conhecimentos que são passados de geração em geração são valorizados; 4. maior adesão às técnicas agroecológicas; 5. mudanças nas dinâmicas produtivas, com maior aproveitamento dos elementos internos disponíveis nos terrenos; 6. melhora na alimentação das famílias, devido à diversidade de cultivos.

Vale ressaltar que a Rede Agroecológica de Camponês a Camponês prioriza o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais - por isso a importância da aproximação das famílias participantes aos órgãos de desenvolvimento da agricultura e de implementação de políticas públicas. O projeto tem sido exitoso, com famílias participantes cada vez mais engajadas nas atividades, sobretudo devido ao diálogo entre os saberes tradicionais passados por gerações em suas famílias e conhecimentos científicos. Também observamos que, devido aos encontros mensais, o entrosamento é cada vez maior entre os participantes. Há uma espécie de fortalecimento do entendimento da dimensão política de autonomia, de soberania e da valorização dos saberes e práticas tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva da agricultura familiar não se integra nas cadeias do agronegócio, o que aprofunda a distância socioeconômica entre esta e esse. Quando a renda do agronegócio começa a crescer, não ocorre de forma proporcional a expansão da agricultura familiar ou a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos do campo. Pelo contrário, verifica-se uma limitação das oportunidades de emprego em face do alto padrão tecnológico empregado pelo agronegócio. O fortalecimento da agricultura familiar agroecológica, das feiras de comercialização dos alimentos *in natura* e minimamente processados, da oferta de alimentação saudável nas escolas através do Programa Nacional de Alimentação Escolar do Brasil (PNAE), dentre outras ações, trazem inúmeros benefícios para a sociedade de modo geral, pois oferece uma maior qualidade de vida para todos os indivíduos. É importante destacar que qualidade de vida é um conceito bem amplo e em constante construção, pois engloba o olhar sobre a saúde ambiental e sobre o bem estar de populações, sejam elas pertencentes ao campo ou à cidade. O avanço do agronegócio e os efeitos deste na redução do cultivo de alimentos tradicionais reflete-se num contexto de insegurança alimentar e nutricional.

Nesse sentido, a agricultura familiar, que é diretamente afetada pelos efeitos das mudanças climáticas e da degradação ambiental, pode ser também parte da solução destes problemas. A adoção de técnicas agroecológicas em unidades familiares de produção agrícola contribui para a SAN pois propõe uma maior harmonia dos seres humanos com o ambiente;



permite que os agricultores conservem os ecossistemas; prioriza o direito de todos ao acesso permanente de alimentos de qualidade; adota práticas saudáveis de produção de alimentos, como a redução ou o retirada do uso de agrotóxicos e insumos químicos; respeita a diversidade sociocultural, dentre outros. Contudo, é importante destacar que a agroecologia não trata-se apenas de um conjunto de técnicas alternativas, ela deve ser encarada enquanto um campo científico interdisciplinar, que integra diversas ciências. Esse enfoque permite avançar na compreensão da complexidade dos sistemas agrícolas; denunciar os impactos socioambientais do modelo agrícola industrial, baseado em monocultivos, mecanização intensiva e insumos químicos; mas também de apresentar a agroecologia como uma alternativa viável e necessária. Seu trabalho conecta o pensamento científico com as práticas agrícolas tradicionais e com a luta por justiça social.

Nós identificamos que o estímulo a processos intersetoriais e socialmente participativos, a exemplo da Metodologia Camponês a Camponês, é fundamental para caminhar em direção à justiça social. A MCaC é concebida sob o viés da educação popular, na qual há uma espécie de fortalecimento do entendimento da dimensão política de autonomia, de soberania e da valorização dos saberes e práticas tradicionais por parte de promotores e facilitadores. Ela promove processos territorializados, horizontais e com foco no protagonismo das famílias agricultoras e suas comunidades e apresenta assistência técnica e suporte diferenciados na resolução dos problemas enfrentados pela agricultura familiar agroecológica.

Por ser uma metodologia ainda pouco explorada no Brasil, destacamos a necessidade de novas pesquisas nesse campo de atuação. A academia tem o papel de incentivar sistemas alimentares sustentáveis e conceber a alimentação como um direito e um bem público que deve atender às necessidades nutricionais da população por meio de uma alimentação adequada. Também é fundamental uma maior aproximação entre produção e consumo; além do planejamento adequado do território, com a cooperação entre rural e urbano e cooperação entre as esferas municipal, estadual e federal. Ainda temos muito a avançar.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª ed. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2004.

BARBOSA, L; ROSSET, P. Educação do campo e pedagogia camponesa agroecológica na américa latina: aportes da la via campesina e da cloc. **Revista de Ciência da Educação**, V. 38,

nº. 140, p.705-724, 2017.

BRAGA, S. **A região da Serra do Cipó: complexidade, tempo e turismo e geografia.** 2011. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Belo Horizonte, 2011.

BRANDÃO, C.; BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular.** Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008.

CAPORAL, F.; COSTABEBER, J.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: 3rd **Congresso Brasileiro de Agroecologia.** Florianópolis, Brasil, Anais: CBA. 2006.

CORRÊA NETO, N. E. *et al.* **Agroflorestando o mundo de facão a trator.** 177 p. 2016.

COSTA, R. *et al.* Sistemas alimentares, fome e insegurança alimentar e nutricional no Brasil. Rio de Janeiro. **Editora Fiocruz,** 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Marco referencial em agroecologia.** DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 70 p.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. **Paz e terra,** 2018.

HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. Sociedade e economia do agronegócio no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** V. 25, P. 159-196, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Jaboticatubas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/jaboticatubas.html>>. Acesso em: 27 ago. 2025.

IPHAN. **Levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais da Serra do Cipó/Minas Gerais.** Serra do Cipó, Jun. 2011.

MEDEIROS, C.; GONTIJO B.; SOBRAL J. Metodologias ativas de Territorialização da Agroecologia: a rede agroecológica de camponês a camponês Jabó/Santana (MG). In: VIII **Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos,** São Paulo, AGB, 2024.



PRIMAVESI, A. Pergunte o porquê ao solo e às raízes: casos reais que auxiliam na compreensão de ações eficazes na produtividade agrícola. 1ª ed. São Paulo. **Expressão popular**, 2021.

ROSSET, P. **Construindo a agroecologia no semiárido: manual da metodologia camponês a camponês**. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Ceará (MST CE), Ceará, 2019.

SILVA, J. Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira. São Paulo: **Hucitec**, 1978.

SILVA, M. Política territorial, fundiária e ambiental no brasil: balanço parcial do governo Lula 3 (2023/2024). **Nota Técnica**. Campanha Nacional em defesa do Cerrado. 2025.

VELLASCO, D. **Relatório de atividades anual**. Belo Horizonte: AMANU, 2016.

WANDERLEY, M. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2009.